

CNFCP – INRC Jongo

Relatório de viagem a campo

Santo Antônio de Pádua e Miracema, RJ – dezembro de 2003

Pesquisadora: Rita Gama Silva

A viagem às localidades de Santo Antônio de Pádua (que aqui chamarei de Pádua, conforme seus moradores) e Miracema foi esperada por mim com entusiasmo. Durante os Encontros de Jongueiros, que vinha presenciando desde 1999, observava as particularidades e diferenças entre os grupos. Ao longo desses contatos, uma característica que chamou atenção foi a existência da categoria caxambu, como os jongueiros denominam a dança em Santo Antônio de Pádua e Miracema, cidades do Norte Fluminense. Eu já sabia também da existência de outras manifestações culturais da região, como pastorinhas, boi pintadinho e mineiro-pau.

Nessa viagem a campo foram feitas três entrevistas: com dona Aparecida Ratinho, proprietária do caxambu de Miracema; com alguns integrantes do jongo de Pádua, na casa de Antônio Thomás, o Nico (responsável pelo grupo) e com o professor Hélio Machado, idealizador do evento Encontro de Jongueiros e organizador de suas primeiras edições na região. O evento cresceu surpreendentemente (hoje em sua nona edição, a realizar-se no Rio de Janeiro em novembro de 2004) e vem divulgando o jongo na Região Sudeste e possibilitando comunicação e diálogo entre as comunidades participantes. Nesse contexto, foi criada a Rede de Memória do Jongo.

O professor Hélio Machado contou-nos que, sendo músico, ao mudar-se para Pádua percebeu que a realidade da cidade em nada tinha a ver com seu trabalho, com grupos de madrigal à moda renascentista. Começou então a pesquisar a cultura da localidade. Fez arranjos vocais de folia-de-reis, conheceu pastorinhas, boi pintadinho e mineiro-pau, mas o caxambu... “que autenticidade, meu Deus! A minha paixão foi essa (...) Achei que aquilo ia-se perder e me deu a idéia de criar o Encontro. Existem tantos encontros, de história, de filosofia... por que não um de jongueiros?”

O Encontro teve suas primeiras edições na região, nas localidades de Campelo, em 1996, Miracema, em 97, e Pádua, em 98. Campelo hoje não conta mais com o jongo, tendo grande parte dos caxambuzeiros da região migrado para trabalhar em Teresópolis. Zé Prego, citado por Nico e pelo professor como único jongueiro remanescente no lugar, dança hoje com o grupo de Pádua. Encontrei-o também no livro de Cáscia Frade,¹ citado entre os participantes do calango da região, tocador de tamborim (embora não tenha ouvido dos entrevistados nenhuma informação espontânea sobre o calango).

Segundo o professor Hélio, a categoria ‘jongo’ está ligada ao canto – “No caxambu, o cara que canta o ponto, aquilo chama-se jongo”. Acredita também que a distinção entre as duas

manifestações está no fato de que no caxambu dança um solista por vez, enquanto no jongo seriam dois, com presença ou não de umbigada. Além disso, o caxambu estaria ligado ao cultivo de café, e o jongo à cultura da cana-de-açúcar. Segundo depoimentos de Claudionor Paulino de Jesus, o Nonô, de Pádua, “a diferença entre jongo e caxambu é que jongo é a queda que a gente tira pra cantar, né? É a música que tira pra poder cantar, pra poder debater, comandar um com o outro”, mais uma vez atrelando jongo aos pontos cantados, aos desafios e improvisos na roda de caxambu. Segundo Nico, também de Pádua, “ele passa a ser jongo depois que se ajunta tudo. Porque o caxambu é o começo, é juntando todo mundo. Aí o jongo, quando começa o desafio de um para outro, e as outras pessoas formam o coral, aí já se diz jongo. Aí é o jongo de um jogando jongo para o outro. O caxambu é completo, com as peças todas”. Na maioria das vezes, o participante das rodas é designado jongueiro. Dona Aparecida, no entanto, informa: “o que tem a dança do jongo é o caxambu, mas tem uns que misturam as coisas”... então, mais uma vez, quando supomos estar compreendendo, temos que desaprender para tentar entender de novo...

A família de Nico é herdeira do boi pintadinho e do mineiro-pau, e, convivendo com a família de dona Sebastiana II, ele se aproximou do caxambu, sendo designado por ela para liderar o grupo e cuidar das peças (tambores) após sua morte. Nico tem ampla noção da importância da cultura popular no município e de sua manutenção mediante a inclusão e participação de crianças (“Eu sou Nico Thomaz [já apareceu Tomás; favor confirmar e padronizar] e vou levando essa tradição mais à frente, para que isso não acabe. Fazendo o mineiro-pau, que é coisa da minha família, me integrei a essa família que parou com o caxambu, que era do caxambu, que deixou o caxambu de lado. Eu ponho as crianças em cima disso aí: tira as crianças da rua, preserva as coisas da nossa cidade, para que não acabe”). O boi pintadinho é a brincadeira de boi do Estado do Rio de Janeiro. São bois grandes, que ganham “couro” novo a cada ano. No enredo não há morte e ressurreição, como no boi de outros estados, assemelhando-se mais a um cortejo brincante com músicos, bonecos, feitos pelo próprio Nico, e pequenas cenas cômicas, com presença ou não do mineiro-pau. A brincadeira é característica da região, com outros grupos em Pádua e em Miracema, a ponto de, no carnaval, haver um dia destinado ao concurso de bois pintadinhos.

O boneco que representa o boi pode acompanhar ou não o mineiro-pau, dança em que os participantes marcam o pulso da música tinindo bastões e executando passos. O avô de Nico dançava mineiro-pau tinindo tamancos calçados nas mãos, marcando a mesma célula rítmica de hoje em dia, mas achou mais fácil bater com o porrete do que com o tamanco e mudou a brincadeira. Nico e Tonho, seu filho mais velho, acreditam que essa transformação tenha-se dado também por influência do maculelê. Tonho ressalta que o maculelê veio da capoeira, que por sua vez teria vindo do caxambu, indicando, portanto, que poderia haver alguma ligação ancestral entre caxambu e mineiro-pau...

Outra característica que chama atenção nesses grupos diz respeito a traços de uma aparente religiosidade existente no caxambu do norte fluminense. No jongo de Santo Antônio de Pádua, que usa roupa branca e saias rodadas de renda, a vestimenta assemelha-se à usada nos rituais de umbanda. Dona Aparecida Ratinho, de Miracema, organizadora do caxambu e líder espiritual respeitada da comunidade do Morro do Cruzeiro, puxa seus saravás louvando diversas entidades para abrir e fechar o caxambu. Canta de improviso, pedindo licença ao povo do lugar, a santos e santas, a mestres jongueiros e a diversas entidades. Ainda mais, suas dançantes repetem um gesto de cruzada de mãos em frente aos tambores que é executado também nas consultas de umbanda em seu terreiro.

Segundo o professor Hélio, “os grupos folclóricos da região refugiaram-se nos centros e terreiros atuais (substituindo as senzalas), razão pela qual hoje não se encontram mais dentro das comunidades. Isso aconteceu nos municípios de Itaperuna, Pádua, Miracema e em todo o norte-noroeste fluminense”.² Essa ligação, no entanto, não foi explicitada em nenhuma das entrevistas, tendo sido, mesmo, negada. Os jongueiros de Pádua, quando souberam que eu voltaria ao Morro do Cruzeiro para conversar com pai Jacó, preto velho responsável por um dos terreiros de dona Aparecida Ratinho, mostraram apreensão, alguns, aliás, dizendo que, se eu precisasse, ligasse a qualquer hora do dia ou da noite, que eles me buscavam... A fama de dona Aparecida Ratinho já tinha chegado por ali. E ela, no entanto, ao ser questionada sobre possíveis relações entre seu caxambu e a religião, negou veementemente (“Mas eu só não entendo uma coisa: tudo é jongueiro, jongueiro tem muito, mas tem o jongo que é mais diferente, compreende mais a linha do candomblé, né? E esse caxambu assim eu não sei nada dele, eu não entro no meio”).

A fama de macumbeira e ‘demandeira’ poderosa pode ser entendida, acredito, pelo fato de dona Aparecida conhecer e articular muitas crenças e saberes religiosos e festivos no Morro do Cruzeiro. É mãe-de-santo, tendo aberto o Terreiro de Pai Jacó Bendito das Almas há mais de 10 anos, no terreno de sua casa; é rezadeira de crianças (pude observá-la rezando e preparando uma bebida para proteção); é devota de Santa Luzia, para quem reza ladainha todo dia 13 de dezembro e graças a quem recobrou a visão, tendo estado quase cega; cuida do boi pintadinho; faz a festa do Divino Espírito Santo; reza para as santas almas no dia de finados; faz a festa do 13 de maio e é zeladora da capela de São Benedito, padroeiro do Morro do Cruzeiro e do caxambu (tanto de Pádua quanto de Miracema). “Tem quadro de santo na casa toda... ai, ai, é muito santo. Eu carrego não sei por que... eu tenho uma fé tão grande, mas tão grande mesmo, que eu tendo eles aqui na minha parede é o mesmo que eles estarem aqui”. Acredito que, mulher de tanta ciência e sempre em companhia de santos e divindades, tenha estimulado essa fama. Que ela, aliás, não nega....

É interessante notar que, enquanto no jongo há em geral dois solistas dançando por vez (que entram na roda livremente ou convidados pelos antecessores), no caxambu de Pádua e de Miracema dança somente um solista por vez. No caso de Miracema, quem aponta aquele que deve entrar na roda é dona Aparecida, gesto que era também realizado por dona Sebastiana II, antiga liderança do caxambu de Pádua segundo o professor Hélio. Além dela, no entanto, outros puxavam pontos no jongo de Pádua, enquanto no de Miracema só dona Aparecida canta. No caxambu do Morro do Cruzeiro há também uma aparente divisão de gênero, com a quase-totalidade de dançadeiras sendo mulheres, e os homens participando como ‘batedores’, numa divisão semelhante à que ocorre no tambor-de-crioula maranhense. “Meu Caxambu dança mais mulher, os homens podem dançar, mas eles não gostam muito, não interessam muito, aí só vão os batedor... eu prefiro mesmo que só tenha os batedor...”

Os tambores batidos no caxambu do Morro do Cruzeiro antigamente eram três: o tambu (uma cuíca grande) e dois tambores, o candongueiro e o respondão. “Um tira, o outro responde, e a cuíca... o candongueiro ronca, o respondão responde, e a cuíca grita... e geme. Ela é bonita gemida.” No Encontro de Jongueiros seu grupo apresentou-se com, além dos tambores, uma cuíca pequena, de madeira, de tamanho semelhante ao das usadas no carnaval, porém com som grave, feita também de barril de madeira. O grupo de Pádua conta com tambores confeccionados ainda no século 19, recebidos por dona Sebastiana II, antiga dona do caxambu, de seus padrinhos Joana e Clementino. Em Pádua, os tambores chamam-se tambu e candongueiro, e juntam-se a um cuicão construído em “tonel de vinho encourado com couro de cabeça de boi, tendo ao centro do couro um bastão de madeira (cabo de vassoura) que, friccionado com pano úmido, produz um ronco profundo. Este instrumento foi confeccionado pelo Sr. Gavino de Monte Alegre em 1975”.³

O caxambu não é religioso, segundo dona Aparecida Ratinho, mas na festa de 13 de maio, realizada em Pádua e em Miracema, data da abolição da escravidão, dança-se o caxambu (até como apresentação em praça pública), e é dia da festa dos pretos velhos da umbanda – entidades relacionadas com antigos escravos, pretos velhos que aconselhavam os mais novos, sendo muito sábios e experientes. Por ocasião da festa há oferenda de comida para as entidades, farinha, feijão com carne-seca, sopa, farofa e feijoada.

Em alguns pontos aparece referência aos jongueiros velhos, associados [?] a jongueiros já falecidos. Em alguns grupos os tambores estão relacionados a esses ancestrais e são reverenciados no início da dança. Há referência a eles e aos dissabores do tempo do cativo em alguns pontos cantados, como os que transcrevo a seguir, ouvidos dos jongueiros de Santo Antônio de Pádua:

✓ *Pisei na Pedra, Pedra balanceou, o mundo estava torto, a rainha endireitou;*

- ✓ *Trabalhei numa fazenda, tenho vergonha de contar, canjiquinha no almoço, péla-égua (?) no jantar;[o que é esse ponto de interrogação?]*
- ✓ *No dia 13 de maio, quando o senhor me batia, eu gritava por Nossa Senhora, Meu Deus, quando a pancada doía.*

É justamente entre os negros trazidos para servir como escravos que se situa a origem do jongo/caxambu. Conta Nonô:

“Os escravos eram presos em senzala e só comunicavam um com o outro, com mais ninguém. E quando eles queriam dançar, cantar seu jongo, se reuniam na senzala e faziam suas brincadeiras. E assim iam levando a vida, mas sem comunicar com o de fora. Eles usavam os pontos para defesa e para descobrir os problemas da vida que estavam acontecendo com o outro”.

“... quando os negros apanhavam, na época da escravidão, eles reclamavam, se juntavam uns aos outros, a única maneira deles se manifestar era quando pegava as sobras da fazenda, botava o tacho, aí o caxambu era feito em roda, botava o tacho, pegava os restos que sobrava da... da lingüiça, das coisas... Fazia aquela sopa, aquele sopão, botava todos os negros pra dançar em volta”, completa Nico.

E ainda, segundo dona Aparecida Ratinho, “o caxambu é uma dança africana, e quando terminou o cativeiro eles ficaram muito alegres e então, com aquela alegria toda, eles disseram assim: ‘Vamos gritar para nosso pai e nosso avô, não sabem vocês uma notícia que eu tenho pra dar, o cativeiro se acabou’. E tinha acabado o cativeiro mesmo, a triste passagem deles, que eles sofriam. Comiam carne-seca podre, cheia de bicho,coitados! Eles apanhavam noite e dia... Então eles tiveram a liberdade, né? Porque a Princesa Isabel escreveu com a pena de ouro, e que as crianças daquela época que estavam na barriga das mães daquele dia em diante não seriam mais escravas. A Lei do Ventre Livre é essa: passou a não ser mais escravas as crianças que nascessem. Os pais eram escravos, mas os filhos não ficaram escravos”.

Embora concordem com relação à origem do caxambu, jongueiros de Pádua e Miracema desconfiam uns dos outros (situação semelhante à descrita pelo pesquisador André Felipe entre os grupos de Barra do Piraí e Pinheiral), atitude fomentada em algumas rodas de que participaram juntos. Essa rixa é advinda da brincadeira do caxambu, que consiste em botar e decifrar pontos, no intuito de derrubar, de ‘amarrar’ o outro.

Segundo me contaram, nas rodas se confrontavam e sempre houve desafios. Uma vez, relatou dona Aparecida, alguém de Pádua colocou um ponto que era: *Santo Antônio (...) Santo Antônio está no altar, quero ver quem é que tira Santo Antônio do lugar...* E não parava, e repetia até que alguém desvendasse a charada. Dona Aparecida entrou, pegou uma vara na vegetação próxima e, a varadas, tirou o jongueiro que

estava ali, dizendo que ninguém tirava o pessoal de Pádua. Em outra, Nonô cantou ‘quase sem querer’ para ela: “*Quem te chamou, aqui, abiúdo, quem te chamou aqui*”..... Dona Aparecida ficou danada, pois os dois grupos tinham sido convidados, e cantou um ponto, que a família dela tinha uma árvore, o pai num galho, a mãe no outro, e quem mexesse num galho mexia na família toda! E ainda puxou a orelha do Nonô quando saiu da roda: “Ó, você não mexe comigo não, hein?!”. Lúcia, esposa de Nico e jongueira de Pádua, conversando comigo no Rio de Janeiro, contou-me que não tinha nada contra dona Aparecida Ratinho e que, na verdade, admirava a autoridade e a liderança que ela mantinha com seu grupo de Miracema.

Acontece que dona Aparecida Ratinho ouvia muitas histórias de disputa nas rodas de caxambu do Morro do Cruzeiro (que eram muito frequentes em sua infância, quando ela não podia participar) e, por ter muita fé e devoção, põe força espiritual em tudo que faz, aí incluído o comando de seu caxambu que, por isso, acredito, é tão conhecido como feitiçaria. Por outro lado, os jongueiros de Pádua usam o caxambu mais para brincar com as palavras e me fizeram uma revelação surpreendente ao comentar a lenda da bananeira (à meia-noite, no início do jongo, se plantava uma bananeira, e dali a pouco ela dava bananas, que todos comiam) e a do adormecimento (quando um jongueiro enfeitiçava o outro com um ponto que o fazia dormir) – em todas as situações, nas mais diversas localidades, as pessoas conheciam essas histórias e ou eram céticas e não acreditavam (como o professor Hélio), ou tinham medo e respeitavam: não tinham visto, mas sabiam que acontecia.... Pois os jongueiros de Pádua associam a bananeira que cresce ao tempo em que a pessoa está construindo a resposta para solucionar um ponto. Se a resposta não vem, a bananeira dá cacho, e as bananas são distribuídas para o pessoal que está ao redor, caçoando... Quanto ao adormecimento, se você não responde o ponto, você dormiu... Com a palavra, Nico:

“Como diz a lenda, no caxambu você planta a bananeira, dá cacho e você pega daquela banana e dá pra quem quiser comer. Quem vai comer daquela banana são aqueles debochados que estão pela lateral. Porque, se você fala um verso, você não sabe se cai ou se ele fica perdido. É o tempo que a bananeira está nascendo, crescendo, frutificando. Até você tirar outro, pra poder vencer ele. Dá tempo da bananeira crescer, produzir o cacho e dar banana em quantidade. Depois, quando você sai, já é tarde, o caxambu já acabou (...) O de dormir é o tempo que você leva para solucionar o enigma. Então isso aí é a bananeira que está dando cacho.

Quer dizer, os desafios cantados nos pontos de jongo, mediante a metáfora, se estenderiam não só ao canto, mas às próprias lendas que envolvem a dança. Segundo eles, todos os jongueiros sabiam disso. A lenda é conhecida em muitas localidades (Serrinha, Angra dos Reis, Valença, entre outros), mas ninguém ainda tinha dado essa interpretação. E os jongueiros de Pádua me contavam isso rindo, entre caçoadas, como se minha ignorância acerca do assunto fosse quase infantil, fosse eu a criança aprendendo com aqueles doutores do caxambu.

Como nunca saberemos todas essas respostas, conforme recomendou Mestre Carmo, de Angra dos Reis, ao entrar no jongo não custa nada se apegar com um santo por quem você tenha devoção e pedir proteção ao se benzer nos tambores...

Referências bibliográficas

1. Frade, Cáscia. *Cantos do Folclore Fluminense*, Rio de Janeiro: Presença, 1986.
2. Castro, Hélio Machado de. “Pequena História dos Encontros dos Jongueiros”, no livreto informativo do VIII Encontro Nacional de Jongueiros, realizado em Guaratinguetá, SP, em 21 e 22 de novembro de 2003.
3. *Idem, ibidem*.

Anexo

Das histórias contadas pelo professor Hélio e sua esposa, Celina, uma me impressionou, embora não esteja ligada ao jongo. Como, no entanto, ela não foi gravada durante a entrevista, aproveitei para fazer o registro tardio. Trata-se da origem das cores verde e rosa para a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro. Conta o professor que sua família é proveniente dos Açores, ‘lá pela terceira ilha’, e que a festa do Divino Espírito Santo tinha lá, no século 19, bastante força. Cada família tinha sua tribuna para festejos do Divino, e na casa de sua tia as cores da festa eram verde e rosa. Quando ela veio para o Brasil, no início do século 20, trouxe sua tribuna e a festa do Divino para o bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A tia, muito festeira, começou a organizar a saída de um bloco carnavalesco no bairro, que aproveitaria as cores da tribuna açoriana. Entre os foliões do bloco estaria Cartola, que teria levado as cores para a Estação Primeira.

O professor Hélio demonstrava muito conhecimento ao falar sobre o bairro de Laranjeiras, onde morou até mudar-se para Pádua. Conhecia tudo com intimidade, desde fábricas que lá havia, passando pelas vilas de operários e chegando à região do Cosme Velho – revelando-se, também, professor de história.